

CAMÕES — poeta lírico — tal o assunto que escolhi para início duma série de estudos que me proponho abordar.

Na minha exposição procurarei mostrar, primeiro, que Camões é um verdadeiro homem do renascimento, fazendo em seguida, embora muito superficialmente, a apreciação do seu lirismo, e, como conclusão depreendida do estudo da sua lírica, apresentá-lo-ei como um poeta genuinamente português, encarnação da alma lusitana ao mesmo tempo aventureira, ardorosa, emotiva e singularmente sonhadora.

É necessário compreender bem o que foi essa corrente de intensa vida intelectual que dominou os espíritos no séc. XVI, uma vez que Camões é considerado «um filho espiritual da Renascença». O Renascimento teve o carácter dum movimento espiritual, e d'este modo operou uma profunda revolução nas inteligências e uma verdadeira renovação das ideias. Como o homem da Idade-Média se nos apresenta diferente do da Renascença!...

Este sente alegria de viver, ama intensamente a vida e procura nela, sófregamente, tudo o que lhe pode dar prazer. Ama a beleza com a paixão dum heleno e o seu princípio em estética é a «arte pela arte», emquanto que o homem da Idade-Média, subjulgado por um fanatismo dogmático de mistério e de intransigência, se preocupa sobretudo com o problema do Além, considerando a vida com uma passagem fugitiva. A arte, que é a manifestação não só da alma individual, mas duma geração inteira, lá nos indica o carácter da mentalidade da Idade-Média. As gigantescas abóbadas românicas unidas da mística permutora, as elegantes torres góticas elevando-se suplicantes nas alturas, falam-nos ainda hoje eloquentemente do espírito da Idade-Média, e conservam através do tempo, aquêl ambiente de misticismo que caracterizou nitidamente um período da história.

O homem da Renascença ama apaixonadamente a cultura clássica; a literatura greco-latina fascina-o, encanta-o, emquanto que o homem medieval, possuindo embora uma civilização fecunda para o progresso do pensamento, se conserva estranho à influência da cultura antiga.

Sendo a literatura, como disse De Bonald, a expressão da sociedade, as produções literárias das duas Idades históricas apresentam características profundamente diversas. Emquanto que nos cancioneros — para o caso dos poetas portugueses — não há uma simples descrição de paisagem, o literato do renascimento inspira-se profundamente na natureza à qual parece emprestar alguma coisa de si mesmo, humanizando-a, tornando-a sensível e solícita como se ela vibrasse e compreendesse a sua dor e os seus sentimentos.

A obra neo-clássica, como a antiga clássica, oferece-nos belas descrições onde a linguagem assumindo por ve-

zes as virtudes da pintura se elabora em quadros magníficos, cheios de colorido e de vida. A linguagem não é só para o clássico, o instrumento que serve para exteriorizar ideias e emoções; o homem da Renascença procura servir-se dela como do pincel se serve o paisagista. Mais ainda: a linguagem, pelo seu poder de precisão, de força de sugestão imaginativa, chega a adquirir um não sei quê que a torna de qualquer maneira escultural.

Finalmente, o homem da Renascença professa em filosofia o ecletismo e, na Idade-Média, impera a filosofia Escolástica, ou Tomista, cujos mestres foram Aristoteles e Tomás de Aquino.

Feito paralelo entre o homem do Renascimento e o da Idade-Média, urge explicar a causa de tão acentuada divergência. Além doutros factores que concorreram poderosamente para o forte movimento espiritual do renascimento, um, sobretudo, exerceu a máxima influência. Esse pertence ao domínio da história universal e ninguém o desconhece: a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453. Na génese d'este movimento podemos distinguir vários estádios. O primeiro, ou seja a fase inicial, resume-se no contacto dos espíritos com essas inteligências cultas — helenizadas e helenizantes —, na influência que esses homens exerciam no pensar daqueles que os rodeavam. Deu-se aqui, à semelhança do que se passa em electricidade, uma verdadeira indução mental. Estamos chegados ao segundo estádio: surgem novas ideias, à luz das quais o homem imprime à vida uma nova direcção, interpretando-a duma maneira diversa da anterior. Novos recursos de arte se apresentam e novas exigências de beleza se levantam imperativas.

Uma fonte perene de inspiração e de amor se desvenda aos olhos dos espíritos cultos — a Natureza.

A passagem deste amor à contemplação apaixonada da própria natureza constitue o que eu chamo o terceiro estádio. Na intimidade com a alma oculta das cousas, o espírito enche-se do belo, e desta superabundância resulta, por via de necessidade psicológica, a produção literária, a criação artística. Esta exteriorização fecunda, que atinge muitas vezes com Camões as culminâncias da perfeição, constitue o que eu chamo o quarto e último estádio.

Um grande laço une pois a literatura dos antigos clássicos e a do Renascimento — a natureza —, o que explica as grandes afinidades entre estas duas extraordinárias correntes de pensamento.

O conhecimento profundo das obras dos grêgos e latinos exerceu considerável influência nas produções literárias do Renascimento. Todavia o conhecimento duma obra prima mesmo na caso dum génio em potência, não é suficiente para a criação duma obra de mérito. Camões conseguiu igualar (e mesmo exceder) Vergílio, porque Camões soube pensar e soube amar. Ninguém desconhece a influência que Petrarca exerceu no nosso grande lírico, simultaneamente na forma e no fundo.

Camões atingiu a cúpula de ouro

de toda a poesia lírica do seu tempo.

O famoso poeta, mesmo quando é grande, sublima, na obra prima do seu lirismo plalónico, olha para Petrarca:

*Ou est, animi gentil elre si dispoite
Ainsi tempo...*

e escreve o seu maravilhoso soneto, que toda a gente conhece e que só por si o define...

...Alma minha gentil que te partiste...

Ambos conceberam o mesmo ideal de mulher, com uma diferença apenas: Petrarca sintetizou-o em Laura, Camões em Natércia, como Dante amou e celebrizou Beatriz. Ambos, descrevem a mulher em face da natureza, para quem ela é o «sol», o «canto das aves», e ambos sentiram uma preferência emotiva, singularmente carinhosa, pelo tipo nórdico. Irmanados pelo génio, Petrarca e Camões são vítimas do mesmo erro de psicologia feminina. As suas poesias líricas são um constante queixume, uma dolorosa súplica à mulher amada, que mostram inconstante e volúvel, sem que se lembrem de que a inconstância pertence a todas as coisas, e a eles próprios também.

Camões deve à intensidade da sua vida interior o carácter inconfundível do seu lirismo, tão profundamente subjectivo.

É que a poesia lírica de Camões, singularmente notável pela simplicidade e clareza da linguagem, extraordinariamente sentida e verdadeira, não é senão a expressão fiel da sua alma «torturada pelo infortúnio e iluminada pelo génio».

Os seus versos, que, após 4 séculos conservam toda a actualidade e todo o interesse, não foram somente escritos por Camões, foram vividos por êle, alguns até chorados no mais íntimo do seu ser.

Sendo a lírica camoneana essencialmente de carácter amoroso, qual foi a dominadora do seu coração, a inspiradora do seu mavioso estro? Concede-se geralmente a Natércia a a honra de ter sido a mulher amada e celebrada pelo poeta, como êle próprio o deixa ver nalguns versos:

*«E se voz menos alta te procura
celebrar — oh! Natércia em vão se atreve».*

Há muito de desconhecido ainda na biografia do nosso grande lírico, para se poder fazer uma afirmação categórica sobre este problema. Eu própria me abstenho disso, uma vez que não faz parte integral do assunto que me propuz focar. O certo é que se nalguns sonetos Camões se refere a Natércia, noutros, porém, deixa adivinhar que outras mulheres o impressionaram com igual vivacidade. Seja como for, em consequência do seu génio e do seu temperamento o lirismo de Camões é todo verdade e todo vida; está-lhe, por isso, prometida eternidade na arte!

Além de admirável, a lírica de Camões é muito vasta; a sua alma vibra intensamente através das suas «Éclogas», das suas «Sextilhas», das suas «Odes», «Canções», e dos seus admiráveis Sonetos.